



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CINTHIA GENELICE DOS SANTOS

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NÃO SEXISTAS: o trabalho educativo do Coletivo
Desabrochar nas escolas de ensino médio de Belo Jardim/PE

CARUARU

2019

CINTHIA GENELICE DOS SANTOS

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NÃO SEXISTAS: o trabalho educativo do Coletivo
Desabrochar nas escolas de ensino médio de Belo Jardim/PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Profa. Dra. Allene Carvalho Lage

CARUARU

2019

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Paula Silva - CRB/4 - 1223

S237p Santos, Cinthia Genelice dos.
Práticas pedagógicas não sexistas: o trabalho educativo do coletivo desabrochar nas escolas de ensino médio de Belo Jardim/PE. / Cinthia Genelice dos Santos. - 2019. 39 f.; il.: 30 cm.

Orientadora: Allene Carvalho Lage.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Pedagogia, 2019.
Inclui Referências.

1. Feminismo – Belo Jardim (PE). 2. Prática de ensino – Belo Jardim (PE). 3. Sexismo – Belo Jardim (PE). 4. Ensino médio – Belo Jardim (PE). I. Lage, Allene Carvalho (Orientadora). II. Título.

CDD 370 (23. ed.)

UFPE (CAA 2019-296)

CINTHIA GENELICE DOS SANTOS

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NÃO SEXISTAS: o trabalho educativo do Coletivo
Desabrochar nas escolas de ensino médio de Belo Jardim/PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 16/12/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Allene Carvalho Lage (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Me. Felipe Antônio Ferreira da Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Me. Emerson Silva Santos (Examinador Externo)
Universidade Federal de Campina Grande

Dedico esse trabalho à todas as mulheres que lutaram e conseguiram os direitos que temos hoje, em especial à todas as docentes que passaram por mim e me ajudaram a ser a educadora que sou. E à todas as mulheres que hoje continuam lutando, defendendo nossos direitos, ressignificando o ser mulher, seja onde estiver, sororidade e resistência sempre!

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus pelo dom de saber ouvir, buscar, aceitar os desafios a conhecer o novo e por todas as pessoas que passaram em minha vida.

Obrigada a Profa. Allene Lage, por todo conhecimento compartilhado, cada encontro, cada texto, que me fez ver o quanto estava no caminho certo, e o quão é significativo ser mulher, negra, feminista, formada em um Campus interiorizado.

Todo meu carinho por meus amig@s, companheir@s que durante a graduação, foram ombro, colo, e tudo que podiam ser como luz a me guiar. Amo tod@s vocês: Amanda, Emanuelle, Ingrid, Mateus e Thayline. E a tantas outras pessoas que me ajudaram de alguma forma.

As ativistas do Coletivo Feminista Desabrochar, meus mais sinceros agradecimentos, pelo acolhimento e sororidade. Que sorte nossa cidade (Belo Jardim/PE) ter vocês como parceiras de luta e resistência.

Aos meus familiares, gratidão por terem sido minha sólida rocha, me apoiaram e estiverem comigo até aqui, meus pais, minha irmã, meu irmão companheiro de estrada para a Universidade, meu noivo que com toda paciência compreendeu cada momento meu.

Obrigada ao ex presidente Luís Inácio Lula da Silva, pois, sem seu olhar para com o nordeste, com os mais pobres, talvez não agora, eu estivesse formada pelo Campus do Agreste, interiorizado em seu mandato! Resistir e reexistir.

RESUMO

Entendendo que o movimento feminista está na busca pela igualdade de gêneros e erradicar as desvantagens socioeconômicas das mulheres, assim como a luta contra os estereótipos, os estigmas e violência, e também intensificando o fortalecimento do poder de ação, de voz e de participação das mulheres, buscando erradicar a desigualdade social. Essa pesquisa buscou responder a seguinte questão: De que maneira os coletivos feministas desenvolvem suas práticas pedagógicas visando contribuir com a educação não-sexista de jovens de escolas públicas de ensino médio? E o objetivo geral foi estudar a maneira como os coletivos feministas desenvolvem suas práticas pedagógicas visando contribuir com a educação não sexista de jovens de escolas públicas de ensino médio. Percorrendo os seguintes objetivos específicos: 1. Identificar que conteúdos o coletivo utiliza sobre feminismo e relações de gênero; 2. Caracterizar as principais práticas e pedagogia feminista utilizadas pelo coletivo em suas ações; 3. Descrever os princípios da educação não sexista presente na prática e pedagogia pelo coletivo em suas ações. Para nortear a pesquisa foi utilizado o método do caso alargado, e para fins desta investigação utilizamos a análise de conteúdo. A pesquisa nos aponta práticas pedagógicas desenvolvidas pelo Coletivo Desabrochar, as Ativistas nas escolas trabalham com o diálogo, através de mesas redondas e palestras, abordando nas escolas temas como, o que é feminismo, machismo, cultura patriarcal, sororidade, igualdade de gênero, entre outros. Este debate nos proporcionou problematizações e debates que podem fortalecer nossas vozes para o combate de qualquer forma de discriminação.

Palavras-chaves: Feminismo. Pedagogia Feminista. Educação não sexista.

ABSTRACT

Understanding that the feminist movement is on the search for gender equality and eradicate the women social and economic disadvantages just as the struggle against the stereotypes, the stigmas and violence, and also intensifying the strengthening of the action power, the voice and the women participation, seeking for eliminate the social inequality. This research tried to answer the question: How come the feminists unions develop their educational practice aiming to contribute for a non-sexist education of teenagers in public high schools? And the general goal was Study how come the feminists unions develop their educational practice aiming to contribute for a non-sexist education of teenagers in public high schools. Going through the following specific goals: 1. Identify which contents the unions use about feminism and gender relations; 2. Characterize the main practices and feminist education used for the union in their actions; 3. Describe the principles of the non-sexist education existing in the practice and pedagogy for the union in their actions. To orientate the research it was used the method of extended case, and to purposes of this investigation we used the content analysis. The research indicate us that the educational practice developed by the Coletivo Desabrochar, the activists on schools work with dialog through roundtable discussions and lectures approaching the schools themes like: what is feminism, sexism, patriarchal culture, sorority, gender equality, among others. This debate provided us discussions and debates that can reinforce our voices for the combat of any kind of discrimination.

Keywords: Feminism. Feminist Education. Non sexist education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Síntese das análises das categorias: Feminismo e relações de gênero; Feminismo e pedagogia feminista; Educação não sexista.....	34
------------	--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1	Feminismo Latino-Americano	13
2.2	Feminismo e Relações de Gênero	14
2.3	Feminismo e Pedagogia Feminista	17
2.4	Educação Não Sexista	20
3	METODOLOGIA	23
3.1	Tipo de Pesquisa	23
3.2	Método da Pesquisa	23
3.3	Delimitação e o local da Pesquisa	24
3.4	Fontes de Informação	25
3.5	Técnicas de Coleta	25
3.6	Registro de Campo	26
3.7	Análise	26
3.8	Autorreflexividade	26
4	O CASO DO COLETIVO FEMINISTA DESABROCHAR	28
4.1	Feminismo e relações de gênero	29
4.2	Feminismo e Pedagogia Feminista	30
4.3	Educação não sexista	32
5	ANÁLISE	34
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a emancipação feminina foi conquistada através de lutas pelos direitos essenciais e primazia dos direitos de igualdade entre os sexos, seja na família ou na sociedade. A luta pelos direitos iniciou-se com manifestações contra a discriminação feminina, o acesso à educação para as mulheres e o direito de voto às mulheres, este último foi o movimento feminista construído em processos e ações um marco histórico conhecido como sufrágismo.

Nisto, desde então o movimento feminista luta pela equidade entre mulheres e homens, trazendo discussões de questões políticas e do poder político, além de empoderar as mulheres para (re)conhecer sua própria história, defender seus interesses, questionar os sistemas culturais e políticos construídos a partir dos papéis de gênero historicamente atribuídos às mulheres.

Apesar de todo o percurso de luta do movimento feminista na atualidade há números alarmantes de feminicídio, a qual mulheres são vítimas de assassinato devido a violência doméstica, menosprezo ou discriminação de gênero, tendo em vista que dados da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) apontam “Segundo dados da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), da Organização das Nações Unidas, 40% de todos os assassinatos de mulheres registrados no Caribe e na América Latina ocorrem no Brasil.” (04. Fev. 2019 – Organização dos Estados Americanos).

É válido destacar que mesmo havendo avanços na constituição brasileira, com a criação da Lei 11.340, atual Lei 13.827, Lei Maria da Penha a qual entrou em vigor em 2006 visando:

[...] autorizar, nas hipóteses que especifica, a aplicação de medida protetiva de urgência, pela autoridade judicial ou policial, à mulher em situação de violência doméstica e familiar, ou a seus dependentes, e para determinar o registro da medida protetiva de urgência em banco de dados mantido pelo Conselho Nacional de Justiça. (BRASIL, 2006)

E também como a Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015, em que considera crime qualificado o feminicídio contra mulher por razões da condição de sexo feminino. Como apontado anteriormente os dados são preocupantes, e por conta disto refletimos acerca da sala de aula, acreditando na educação como formação humana, nos remetemos a que tipo de pedagogia exercemos ao estarmos formando cidadãs e cidadãos, assim como qual a contribuição educacional na vida de estudantes que temos dado, quais as práticas exercidas em nossas salas de aula, que torna os acontecimentos como motivo de reflexão.

Conforme Korol (2007, p. 19) “*La pedagogía feminista tiene una de sus claves en el encuentro de la memoria no sólo de las opresiones, sino también de las resistencias.*” Sendo assim buscamos por uma educação que veja a importância de discutir sobre opressão e resistência no meio escolar e fora dela.

Posto isso, observando o contexto escolar como meio de formação, e que abrangem discussões de gênero e sexualidade, surgem diversas reflexões acerca da contribuição do feminismo no contexto escolar, logo, como abordá-lo, diante do nosso atual cenário político no país, cujo governo busca restringir/extinguir as discussões de gênero e sexualidade em sala de aula. Dessa forma, pensar em uma pedagogia feminista requer conhecimento e debate sobre a educação, feminismo e gênero, para que possamos refletir sobre de que forma podemos contribuir para uma educação não sexista enquanto professores e professoras.

O interesse pela temática surgiu pela busca nas pesquisas de gênero e educação, a qual se deu em sites como a ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em educação, por meio de um estudo exploratório, nas reuniões – 34^a em 2011, 35^a em 2012, 36^a em 2013, 37^a em 2015, no GT 23.

Com isto o percurso da pesquisa se deu na busca de dados sobre a educação feminista na sala de aula e também sobre a pedagogia feminista, através de leituras dos resumos com as temáticas parecidas, no entanto, não foram encontradas estudos nesta temática, um dos trabalhos que se aproximaram foram “Igualdade ou Heteronormatividade? Jovens mulheres comunicando sentidos, formando significados” (BASSALO, 2015). A pesquisa buscou conhecer jovens mulheres que desenvolveram estratégias de comunicação e formação as quais demonstraram a posição de ser jovem feminista com registros das atividades das afiliadas da Articulação Brasileira de Jovens Feministas.

Deste modo acreditamos que a pesquisa a ser desenvolvida venha a ser uma contribuição nos estudos feministas, de gêneros e pedagógicos. Assim como uma contribuição a sociedade para refletirmos sobre a nossa educação e finalmente confiamos no tema por se tratar de uma realidade dentro e fora das escolas.

Tendo em contrapartida essas questões, a nossa pesquisa vai no sentido de compreender o seguinte: De que maneira os coletivos feministas desenvolvem suas práticas pedagógicas visando contribuir com a educação não sexista de jovens de escolas públicas de ensino médio?

Objetivo geral:

Estudar a maneira como os coletivos feministas desenvolvem suas práticas pedagógicas visando contribuir com a educação não-sexista de jovens de escolas públicas de ensino médio.

Objetivos específicos:

- Identificar que conteúdos o coletivo utiliza sobre feminismo e relações de gênero.
- Caracterizar as principais práticas e pedagogia feminista utilizadas pelo coletivo em suas ações.
- Descrever os princípios da educação não-sexista presente na prática e pedagogia pelo coletivo em suas ações;

A pesquisa está organizada com fundamentação teórica com recortes do feminismo Latino Americano sendo a base histórica com o contexto do feminismo nos países da América Latina, no campo teórico encontra-se as categorias Feminismo e relações de gênero, Feminismo e pedagogia feminista, Educação não sexista; em seguida encontra-se a metodologia com o percurso metodológico, logo, está a análise das categorias teóricas e considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Feminismo Latino-Americano

Las latinoamericanas de la era de la globalización, integradas o excluidas, provenimos del surgimiento de sociedades conquistadas y colonizadas y de Estados originados en procesos violentos y genocidas. Sociedades y Estados marcados por el patriarcalismo. (LAGARDE, 2003. p. 58)

Diante do nosso processo histórico-cultural, baseamo-nos nos estudos do Feminismo latino-americano, pois como aponta Lagarde (2003) as mulheres latinas-americanas possuem direitos conquistados em um âmbito social marcado pela violência e presença do patriarcado.

O feminismo latino-americano vem abordando teorias políticas, preocupações centrais na última década do século XX trazendo visões sobre o corpo sexualizado, a organização social e aceitação de categorias de análise provenientes do feminismo ocidental, de modo que as mulheres latino-americanas decidirem renovar o seu imaginário de ser mulher. Chamando atenção para a história das mulheres na América Latina, tendo em vista que as ondas feministas foram na Europa, temos que apontar que nossas mulheres também se opuseram ao patriarcado.

Somente com encontro de mulheres entre si, a o descobrimento coletivo da sua condição através de análise das próprias experiências vitais que permitiram a construção de um movimento de mulheres capaz de postular pela sua liberação, entendida como um processo de subjetivação de autoafirmação.

[...] ser latinoamericanas significa también el reconocimiento de neutros hitos en los de otras semejantes y la construcción desde nosotras y cada cual desde su terruño, del presente y de un horizonte de futuro en esta tierra. (LAGARDE, 2003, p. 61)

O feminismo latino-americano tem contribuído com estudos que enfatizam a importância do ser mulher constituído historicamente no países da América Latina, tendo em vista que o feminismo ocidental traz suas marcas e lutas¹ que são diferentes e até excludentes com as mulheres da classe trabalhadora, indígenas, campesinas, pois o feminismo se instaura de acordo com o modo de vida das mulheres. Além disso a autora Marcela Lagarde (2003) enfatiza a importância do movimento para a democracia,

Sin embargo, la marca más importante de la politicidad femenina em América Latina ha sido la participación civil de las mujeres en la construcción de la

¹ O sufragismo ficou conhecido como a primeira onda do feminismo o qual era o movimento voltado para estender o direito do voto às mulheres. A segunda onda do movimento feminista foi na década de 1960, em que voltava-se as questões políticas, sociais e às construções propriamente teóricas. Em 1968, é marcado pela rebeldia e pela contestação, nesse contexto expressa-se através de grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, mas também por livros, jornais e revistas. (LOURO, 1997)

democracia y tras las insurrecciones y las represiones, ha sido significativa la participación de las mujeres en el tejido de la paz y la reconciliación. Los procesos políticos que buscan un sentido social al desarrollo y la construcción de las democracias de Brasil, Venezuela, México, Panamá, Argentina, Costa Rica, Perú y del resto de países han sido impulsados por mujeres politizadas con ganas de cambiar el mundo. (p. 61)

Mesmo diante da nossa colonização e a formação das sociedades a qual historicamente as mulheres se constituíram com ausência política de gênero e ainda combinado ao machismo político dos homens em países regidos por regime militar, isto não nos impossibilitou por lutar pela garantia de nossos direitos. Ochy Curiel (2009) evidencia o processo de descolonização:

Un proceso de descolonización desde las experiencias situadas de las latinoamericanas y caribeñas supone entonces rescatar diversas propuestas epistemológicas y políticas relocalizando el pensamiento y la acción para anular la universalización, característica fundamental de la modernidad occidental. (p. 03)

O Brasil, colonizado pelos portugueses, tem enraizado em sua história o patriarcado e a submissão das mulheres aos seus senhores, desde as mulheres indígenas a mulheres escravizadas, mulheres que não tinham “voz” mas que aos poucos passaram a reivindicar por transformações no âmbito político e social. A autora Pinto (2003) evidencia que ocorreram duas correntes do movimento feminista no Brasil, um constituído por mulheres que lutavam pela conquista dos direitos políticos, e o outro chamado de “malcomportado” cujas lutas eram por direito a educação, igualdade, sexualidade.

É importante relatar que o feminismo no Brasil se consolidou e até mesmo utilizava como modelo o movimento latino-americano, baseando-se no que estava ocorrendo fora do país. A ditadura militar foi o cenário de fundo para que esse movimento se instaurasse no Brasil, acontece que talvez não tenha sido o período mais flexível para seu nascimento, porém, oportunizou que a luta fosse ainda mais intensa contra as autoridades militares em prol dos direitos femininos. (MENUCCI, 2017, p. 379)

Sendo assim desde então o movimento feminista no Brasil e demais países da América Latina, veem lutando por suas reivindicações e reconhecimento histórico-cultural das lutas das mulheres.

2.2 Feminismo e Relações de Gênero

Em seu livro *Gênero, Patriarcado e Violência*, a autora Safiotti (2004) aponta como as mulheres são treinadas para sentir culpa, através de sua socialização elas desenvolvem comportamentos dóceis, cordatos e apaziguadoras, em contrapartida os homens são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas que revelem força e coragem. Por receberem essa educação as mulheres por um longo período histórico foram socializadas

dessa maneira, e poucas questionaram sua inferioridade social. E nisto há um número incalculável de mulheres que reproduzem o machismo.

Outro dado, também relevante apontada pela autora, é uma pesquisa, realizada pela Fundação Perseu Abramo em 2001, dispondo das informações da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE) em todo país, com base na pergunta “Como é ser mulher hoje?”. De acordo com as informações os números mostraram que 8% das mulheres sabem sobre a conquista dos direitos políticos das mulheres, apenas 2% percebem que são mais vulneráveis à violência que os machos, 3% denuncia a falta de autonomia em virtude das restrições impostas por seus maridos, 7% manifesta seu desagrado com desnível de salários entre homens e mulheres. Isso significa que temos a necessidade de tornar ainda mais visível as várias modalidades de violência praticada contra mulheres, violência esta que se trata como forma de ruptura de qualquer forma de integridade da vítima seja integridade física, psíquica sexual e moral.

Desta forma, a luta feminista está na busca pela igualdade de gêneros e erradicar as desvantagens socioeconômicas das mulheres, a luta contra os estereótipos, os estigmas e violência; e o fortalecimento do poder de ação, de voz e de participação das mulheres. Estes são dados dos relatórios da Declaração dos direitos humanos e dos tratados internacionais, Pacto Internacional sobre direitos sociais e culturais, econômicos.

Como apresenta Saffioti (2004):

(...) apenas 8% mencionaram a conquista de direitos políticos, o que é verdadeiro desde a Constituição Federal de 1988, e a igualdade de direitos em relação aos homens. Esta resposta não foi nuançada, pois, segundo a Carta Magna, assim como de acordo com a legislação infraconstitucional, a igualdade existe. O problema reside na prática, instância na qual a igualdade legal se transforma em desigualdade, contra a qual tem sido sem trégua a luta feminista. (p. 43 – 44)

Nisto, é válido destacar que mesmo com as leis para garantir os direitos humanos das mulheres e políticas públicas que presam pela igualdade de gêneros, na prática temos visto o direito e a luta das mulheres sendo desrespeitados em vez de garantidos.

Por conseguinte, destacamos o conceito de gênero que significa a construção do sujeito a partir das vivências e experiências, processo histórico e social, o qual surgiu por meio das discussões feministas contemporâneas, na década de 60. Para Louro (1997, p. 23)

O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem.

De acordo com Louro (1997) o gênero é constituinte da identidade do sujeito, a mesma aponta:

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a idéia é perceber o gênero *fazendo parte* do sujeito, constituindo-o. (p. 25)

A autora Louro (1997) enfatiza que os gêneros se produzem nas e pelas relações de poder. No prefácio de seu livro “Gênero, Sexualidade e Educação” há uma reflexão voltada a este poder. “Portanto, se não são as mulheres desprovidas de poder ser o exercício do poder dá-se entre os sujeitos capazes de resistir também, é a ele inerente à liberdade (p.5)”.

Evidenciamos o conceito de poder, abordado por Foucault (1993, p. x) *apud* Souza (2011) o qual diz que “Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente (p.104)”. Assim buscando resistir e lutar pela liberdade por meio da educação, contemplamos a pedagogia feminista a qual ressalta Louro (1997, p. 113)

[...] é construída para subverter a posição desigual e subordinada das mulheres no espaço escolar, ela vai propor um conjunto de estratégias procedimentos e disposições que deve romper as relações hierárquicas presentes nas salas de aulas tradicionais.

E também romper com as relações de poder presentes na sala de aula. Pois como Louro (1997, p. 115) evidencia:

Os dualismos subjacentes a tais pedagogias já parecem anunciar uma concepção das relações de gênero em que o pólo masculino sempre detém o poder e o feminino é desprovido de poder — daí a necessidade de "fortalecer" ou de "dar poder" às mulheres.

Para tanto, como educadoras e educadores o desafio de educar requer reflexão acerca de nossa prática educativa a qual possa atingir mulheres e homens de diferentes raças, classes, religiões tendo em vista a história de cada um ao longo do tempo.

Em vista disto, recordamos o que Louro (1997, p. 34) aponta sobre a concepção dos gêneros.

A concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um pólo que se contrapõe a outro (portanto uma idéia *singular* de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se "enquadram" em uma dessas formas.

E para não negarmos ou mesmo ignorar os sujeitos sociais, Louro (1997, p. 31-32) chama atenção para a desconstrução do gênero o qual diz que

Desconstruir a polaridade rígida dos gêneros, então, significaria problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um. Implicaria observar que o

pólo masculino contém o feminino (de modo desviado, postergado, reprimido) e vice-versa; implicaria também perceber que cada um desses pólos é internamente fragmentado e dividido (afinal não existe *a mulher*, mas várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras).

A autora Louro (1997) chama atenção para não conceber identidade heterossexual como normal, tendo em vista que

Ao conceber a identidade heterossexual como normal e *natural*, nega-se que toda e qualquer identidade (sexual, étnica, de classe ou de gênero) seja uma *construção social*, que *toda* identidade esteja sempre em processo, portanto nunca acabada, pronta, ou fixa. (p. 139-140)

Dessa forma, reconhecermos que não existe uma, mas várias e diferentes mulheres, em diferentes contextos nos ajuda a promover a discussão e quebra de estereótipos. Buscando e lutando por igualdade entre os gêneros, acerca disto Lagarde (2012) aponta

La igualdad de género impacta y corrige otras desigualdades sociales. Avanzar en la erradicación de todas las formas de discriminación contra las mujeres, así como en la eliminación de todos los tipos y modalidades de violencia contra las mujeres sólo es posible si se desmontan las estructuras y los mecanismos patriarcales que las causan. (p. 373)

Como visto a igualdade de gênero pode impactar na construção de uma sociedade igualitária, em que as desigualdades sociais sejam erradicadas, na medida em que não negamos os sujeitos socialmente, mas reconhecemos e respeitamos sua identidade. Tendo em vista que na luta por igualdade, estaremos buscando da voz à todas as pessoas que aspiram viver com igualdade, dignidade e respeito.

2.3 Feminismo e Pedagogia Feminista

No artigo “*El feminismo y la educación en y para nuestra América*” a autora Gargallo (2008) traz reflexões sobre como a educação formal pode deixar de ser um instrumento de repetição, assimilação, naturalização de pautas sexistas. A mesma aponta a educação das mulheres para reconhecer o seu direito à igualdade de oportunidades e aprendizagem que se ressalte suas capacidades.

Además, las teóricas clásicas de los feminismos modernos se han referido enfáticamente a la educación de las mujeres, sea como derecho, sea como práctica de emancipación o como lugar de superación de la discriminación. (GARGALLO, 2008. p. 18)

No texto também é enfatizado pela autora que a escola é obrigada a discriminar o grupo de pessoas a quem querem transmitir os conhecimentos indispensáveis para sua

inserção social e para o seu crescimento e diversificação, por meio de seu currículo formal ou oculto.

De las formas explícitas de exclusión social a través de la enseñanza, las más obvias son las que tratan de definir quién debe ser educado y quién no; la de segregar las escuelas y diferenciar la calidad de las enseñanzas según la clase socio-económica, el color, la lengua, el sexo, la religión o la pertenencia a comunidades no hegemónicas de los y las educandas; la de privatizar la educación para que el derecho a los estudios se convierta en un privilegio; la de seleccionar, según métodos competitivos, el alumnado de las mejores instituciones educativas de un país o de las carreras que dan acceso a profesiones lucrativas. (GARGALLO, 2008. p. 20)

Lamentavelmente, isto vem a ser visto nos últimos acontecimentos no Brasil, a repressão aos estudos de gênero e sexualidade no âmbito escolar, desde o que pode ou não ser ensinado e discutido nas salas de aulas. De acordo com Gargallo (2008)

Así, cuanto más represivo o conservador es un gobierno, su organización de la educación será más tolerante con la discriminación, eso, cuando no la fomentará subrepticamente. (p. 21)

É válido destacar que o Conselho Nacional de Educação – CNE, retirou as discussões de Gênero e Orientação Sexual da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, a qual trazia em suas primeiras edições gênero e sexualidade para orientações escolares, porém no seu documento oficial, gênero apenas está atrelado a área da língua portuguesa. Tendo em vista que o governo se opõe ao que se ensina afim de privilegiar direitos outros. A autora Francesca Gargallo (2008) chama atenção para isto:

En el caso de la educación de las mujeres y en el caso del reconocimiento de su derecho a la igualdad de oportunidades, en un aprendizaje donde se resalten sus capacidades y aportes, así como aquellas de sus realidades y necesidades que son diferentes de las de los hombres, y que algunos currículos vuelven explícito, los currículos ocultos reprograman estereótipos y tabúes acerca de lo que pueden y deben hacer hombres y mujeres. (p. 21)

Conforme Louro (1997, p. 58) “A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas.” Com isto a autora chama atenção para as novas formas em que a escola continua imprimindo sua “marca distintiva” sobre os sujeitos, através de múltiplos e discretos mecanismos, escolarizam-se e distinguir-se os corpos e mentes.

[...] nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de *desconfiança*. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como "natural". (LOURO, 1997. p. 63)

Na trajetória feminista o enfrentamento ou superação de desigualdades de gênero também estiveram na educação, pois como salienta Louro (1997, p. 111) *apud* Madeleine Arnot, “[...] como educar os meninos/homens para a transformação das atuais relações de gênero ou como mudar atitudes masculinas preconceituosas em relação às mulheres.” Tendo em vista que historicamente fomos uma sociedade patriarcal e que até então vem sendo enraizado no machismo.

Nesse sentido em busca de reflexão sobre a pedagogia que realizamos, Louro (1997, p. 114) destaca a pedagogia feminista a qual “pretendem estimular a fala daquelas que tradicionalmente se veem condenadas ao silêncio, por não acreditarem que seus saberes possam ter alguma importância ou sentido.” Nisto relacionamos ao que Paulo Freire diz ao apontar a pedagogia feministas, nas pedagogias emancipatórias, que pretendem a “conscientização”, a “libertação”, ou a “transformação”. Louro (1997), aponta sua concepção feminista como:

Pensada como um novo modelo pedagógico construído para subverter a posição desigual e subordinada das mulheres no espaço escolar, a pedagogia feminista vai propor um conjunto de estratégias, procedimentos e disposições que devem romper com as relações hierárquicas presentes nas salas de aula tradicionais. A voz do/a professor/a, fonte da autoridade e transmissora única do conhecimento legítimo, é substituída por múltiplas vozes, ou melhor, é substituída pelo diálogo, no qual todos/as são igualmente falantes e ouvintes, todos/as são capazes de expressar (distintos) saberes. (p. 113)

Pois na compreensão da autora Louro (1997, p. 114) “[...] todas as pessoas têm, ao menos potencialmente, uma experiência ou uma sabedoria que merece ser compartilhada, que por ser comunicada e tornada visível.”

Nesse sentido Korol (2007, p. 15) salienta que a Pedagogia Feminista requer debates, à mesma aponta: *“Este debate es también de actualidad, cuando pensamos que tipo de pedagogía realizamos, qué formación política, qué valores, qué límites, que desafíos.”* Pensando em que posições os sujeitos possuem na sala de aula, quais estratégias para buscar formas de aprendizagem, avaliações, para que nenhum sujeito sintam-se sem apoio e estímulo, mas que possa se reconhecer nas práticas educativas dentro e fora da escola.

Evidenciamos que através de seus estudos Almeida (2018) aponta que elencou um conjunto de princípios político-pedagógicos que podem ser desenvolvidos na Pedagogia Feminista, “democracia de gênero, e dentro desta, os temas da representatividade das mulheres, e da relação entre mulher e política” (p. 239). Para a autora:

Discuti-los na educação escolar e não escolar pode ajudar no estímulo ao protagonismo feminino pelas meninas, que devem ser estimuladas a falar, se posicionar criticamente sobre questões que surjam na sala de aula, na escola, na

cidade, no país, no mundo, e, na construção de espaços onde as soluções possam ser encontradas de forma conjunta, a fim de construir a sororidade. (p. 239 – 240)

Desse modo as escolas estarão em caminho de emancipação das pessoas, onde *“Mujeres y hombres necesitamos resignificar mutuamente, la semejanza humana com el sentido de respeto a la dignidad, la integridad, la confiabilidad y la libertad.”* (LAGARDE, 2012, p. 373).

Em sua pesquisa Almeida (2018) evidencia a Pedagogia Feminista parte da teoria feminista, para criar metodologias que atendam às demandas das mulheres. Logo,

[...] a Pedagogia feminista pode ser usada em espaços de educação escolar e não escolar, e, para tanto cremos que os textos de Marcela Lagarde sobre as chaves feministas devem compor a formação inicial e continuada das/os profissionais da educação. Tais materiais reúnem a discussão teórica de temas feministas, a metodologia feminista e a preocupação com a realidade das mulheres. Este conhecimento fortalece a possibilidade de transformação pela educação na formação daquelas/es profissionais, que necessitam estar capacitadas/os para exercer a educação não sexista, ou seja, não discriminatória. (p. 233)

Dessa maneira para a prática da Pedagogia Feministas as/os profissionais de educação, contariam com formação continuada, com textos e teóricas como Marcela Lagarde, para embasar as discussões e refletir sobre as práticas na sala de aula, e como podemos subverter os arranjos estereotipados nas escolas.

2.4 Educação Não Sexista

No âmbito dos estudos da Pedagogia Feminista temos a educação não sexista, a qual busca igualdade entre os gêneros dentro e fora das escolas. De acordo com Almeida (2018, p. 20) “[...] a educação não sexista vem sendo desenvolvida por mulheres e homens que analisam as relações sociais a partir da perspectiva de gênero, lançando o olhar crítico feminista.” A pesquisadora também chama atenção para a educação não sexista “[...] dialoga com a perspectiva de mundo na qual a luta pela previsão e respectiva efetivação de direitos é eminentemente protagonizada pelas/os sujeitas/os oprimidas/os e invisibilizadas/os.” (p. 21)

Com isto vale salientar que o sexismo na educação segundo a pesquisadora Paloma Almeida (2018, p. 88) “[...] pode ser identificado desde a invasão dos portugueses, ao se utilizarem da educação dos jesuítas para a colonização do nosso povo.” Daí em diante as mulheres tiveram sua educação negada ou muito restrita, onde historicamente os homens das classes altas sempre tiveram tinha acesso à educação, tanto na forma de preceptores como depois nos colégios e mesmo universidades.

Logo, Lagarde (2012) chama atenção ao apontar o sexismo como um dos pilares da cultura patriarcal e de nossas mentalidades.

Casi todas las personas en el mundo hemos sido educadas de manera sexista y además pensamos, sentimos y nos comportamos sexistamente sin incomodarnos o sintiendo que es preciso hacerlo, que es un deber o que así ha sido siempre. Como si el sexismo fuese ineludible. (p. 23)

À vista disso, Almeida (2018) chama atenção para olharmos nossa educação no século XXI a qual,

[...] veem-se tendências discriminatórias sendo sustentadas com base na exclusão do debate de gênero nas escolas. Isso nos leva a perceber que a educação escolar atual segue convencendo-nos de um modelo de sociedade sexista, que é machista, misógino e LGBTfóbico, além de racista e classista, sendo, conseqüentemente, preconceituoso e segregador. Por esse motivo, cremos que ainda seja importante o debate sobre relações entre os gêneros e sexualidade no contexto educação escolar e não escolar, que vai dialogar com outras formas de exclusão baseadas em fatores como a raça/cor/etnia e a classe. (p. 89)

Tendo em vista que “[...] são várias as formas de violência contra as mulheres dentro da sociedade patriarcal, sendo importante que a educação problematize as causas da violência, e impulse um comportamento ético nas relações entre os gêneros.” (ALMEIDA, 2018, p. 225)

Apontamos que através da Convenção sobre Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres (1979), adotada pela resolução n.º 34/180, onde salienta em seu Artigo 10 “§1. os Estados Membros adotarão todas as medidas apropriadas para eliminar a discriminação contra a mulher, a fim de assegurar-lhe a igualdade de direitos com o homem na esfera da educação” e ainda no §4.

A eliminação de todo conceito estereotipado dos papéis masculino e feminino em todos os níveis e em todas as formas de ensino, mediante o estímulo à educação mista e a outros tipos de educação que contribuam para alcançar este objetivo e, em particular, mediante a modificação dos livros e programas escolares e adaptação dos métodos de ensino.

Deste modo a escola por meio do ensino tem o papel de eliminar os estereótipos e conceder educação igualitária. Nesse sentido vemos na educação não sexista um meio de refletirmos sobre nossas salas de aula como ambiente construtor e formador de mentes humanas a fim de evidenciamos e promovermos práticas não discriminatórias e respeito mútuo. Ainda conforme Almeida (2018)

O sexismo cria separações com base no sexo que desconsideram as aptidões das pessoas envolvidas e é reproduzido, porque naturalizado, nas relações e repetido dentro das instituições (inclusive as escolares). Assim, falar em educação não sexista é falar em uma proposta segundo a qual um mundo incluyente e solidário é possível, e refletir sobre um histórico de negação ao acesso à educação para as mulheres faz parte do movimento que nos leva a compreender e criticar para transformar as violências e demais negações que as envolvem. (p. 91)

Indo em direção a uma educação não-sexista poderemos formar mulheres e homens emancipados, que por meio da educação vivenciaram contribuições que puderam está debatendo e refletindo sobre a opressão de gênero e sua superação.

Conforme Lagarde (2012) para que possamos construir vias de igualdade entre mulheres e homens precisamos desenvolver propostas feministas, cuja

La perspectiva de género feminista y la política que se deriva de su implementación práctica, están basadas en la eliminación de las causas de la opresión de género, impulsar el empoderamiento, el avance y la autonomía de las mujeres, y en construir vías de acceso a la igualdad equitativa entre mujeres y hombres. El feminismo se propone que la sociedad se organice con base en la igualdad entre mujeres y hombres, la cual tiene varias dimensiones: igualdad ante la ley, igualdad de oportunidades, igualdad de trato, igualdad social, igualdad política, y a la igualdad de acceso a recursos, bienes y al desarrollo. (p. 375)

Logo, a pesquisadora Almeida (2018) enfatiza que a educação problematize as causas de violência e impulsionem um comportamento ético nas relações de gênero. Para a autora “A educação não sexista também pode atuar transformando a forma como os homens enxergam as mulheres, e conseqüentemente mudar seu comportamento” (p. 230).

Diante disto apontamos o que enfatiza a autora Louro (1997, p. 124).

A ambição pode ser “apenas” subverter os arranjos tradicionais de gênero na sala de aula: inventando formas novas de dividir os grupos para os jogos ou para trabalhos; promovendo discussões sobre as representações encontradas nos livros didáticos ou nos jornais, revistas, filmes consumidos pelas/os estudantes; produzindo novos textos, não-sexista e não-racistas; investigando os grupos e os sujeitos ausentes nos relatos da História oficial, nos textos literários, nos “modelos” familiares;. Acolhendo no interior da sala de aula as culturas juvenis, especialmente em suas construções sobre gênero, sexualidade, etnias, etc.

À vista disto, tratamos a educação não sexista a qual anuncia Almeida (2018, p. 48)

[...] quando falamos em educação não sexista estamos pensando em um instrumento que pode ser usado em todos os âmbitos educativos, sejam eles transmissores da educação escolar ou não. Daí que também os movimentos sociais, sejam eles feministas ou não, poderão ampliar seu horizonte ao debater de forma não sexista e não discriminatória as pautas das mulheres geradas pela exclusão patriarcal que atinge a todas/os.

Compreende-se que através de estudos acerca do tema, provocaremos problematizações diante das circunstâncias em que o sexismo tende a desprezar a igualdade de gênero.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 Tipo de Pesquisa

Pesquisa será de cunho qualitativo, buscando compreender os significados encontrados nos dados. De acordo com Minayo (1994, p.21), a pesquisa qualitativa “se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado” dessa forma o objeto de pesquisa estará sendo investigado de acordo com suas crenças e valores. Ainda nesse sentido conforme afirma Teixeira (2005, p.137) na pesquisa qualitativa...

O pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação. As experiências pessoais do pesquisador são elementos importantes na análise e compreensão dos fenômenos estudados.

Dessa forma a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão do grupo social ou de uma organização, mantendo sua atenção para esses e sem se preocupar com a representatividade numérica. Assim como as outras ciências, a ciência social também possui especificidade, e uma metodologia própria, que pressupõe explicar o porquê dos fatos, para que seja capaz de gerar novas informações.

Esta pesquisa é identificada como explicativa e exploratória. De acordo com Gil (2010), a pesquisa explicativa

Identifica os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Estas pesquisas são as que mais aprofunda o conhecimento da realidade, pois têm como finalidade explicar a razão, o porquê das coisas. (p. 28)

E exploratória também pois, “[...] tem como propósito proporcionar familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 2010, p. 27) podendo ser explicitado por meio de pesquisas bibliográficas e “entrevistas com pessoas experientes na prática com o assunto.” (Ibidem. p. 27) . Desta forma, construímos diálogos reflexivos entre a teoria e o nosso objeto de estudo.

3.2 Método da Pesquisa

Para nortear nossa pesquisa, utilizamos do método de caso alargado, designado por Boaventura de Sousa (1983), o qual delimita-se a um caso em que produz efeitos sobre os participantes de práticas sociais, buscando assim detalhar, analisar o máximo da complexidade do caso em que nos propomos a pesquisar “[...] opõe a generalização positivista, pela quantidade e pela uniformização, a generalização pela qualidade e pela

exemplaridade. (p.11)”. A fim de evidenciar algo que seja diferente e as interações do objeto de estudo.

Este método do caso alargado nos possibilita usar de entrevistas semi-estruturadas, privilegia o uso de técnicas de observação participante, como diz o autor “[...] caso do método alargado propõe o salto da imaginação sociológica entre os mais detalhados e minucioso e o mais geral e indeterminado. Não isola os factos (objetivos) do contexto de sentido (subjetivo ou intersubjetivo) em que ocorrem.” (SANTOS, 1983. p. 12).

3.3 Delimitação e o local da Pesquisa

O lócus da pesquisa foi o Coletivo Feminista Desabrochar localizado em Belo Jardim/PE, onde o mesmo atua na cidade com práticas educativas e escolares, a qual conhecemos através de divulgações dos eventos propiciados pelas ativistas nas redes sociais e também por suas atividades em escolas do município em questão.

O Coletivo Desabrochar nasceu de uma inquietude frente aos números de violência contra a mulher na cidade de Belo Jardim, agreste de Pernambuco. No início de 2017, onde receberam a notícia de que quatro mulheres eram violentadas por dia na cidade (dados referentes à 2016).

Diante disso, Katharyne Bezerra criou um grupo no Facebook intitulado “Desabrochar” e adicionou algumas amigas. O intuito era criar um coletivo feminista no município, mas logo surgiu a ideia do primeiro evento do grupo. Em alusão ao mês das mulheres, a qual convidaram profissionais de diversas áreas para um debate em praça pública sobre a violência contra a mulher.

Contando com a participação de uma banda feminina, policiais, psicólogas, pedagogas e militantes que se encontraram na praça da cidade, Belo Jardim/PE, para trazer dados, informações e esclarecimentos sobre o tema. Este primeiro debate foi um marco para o Coletivo Desabrochar.

Desde então, o Coletivo se coloca à disposição de mulheres que sofreram ou sofrem com algum tipo de violência. Atualmente, o grupo possui psicólogas que se dispõem de forma gratuita a ajudar vítimas. Também há o apoio de uma policial e de advogadas que auxiliam no encaminhamento de denúncias.

Há ainda diversas ativistas que oferecem palestras gratuitas para escolas públicas e particulares em todo o município, inclusive nas zonas rurais de Belo Jardim/PE. Além de profissionais da saúde e historiadoras que contribuem com a formação do Coletivo.

Durante esses dois anos de atuação, o Coletivo Desabrochar tem conseguido alcançar mulheres de diferentes idades e classes sociais. Além de alertar a população no geral a respeito das leis que protegem as mulheres e lutar contra o machismo dentro da sociedade. Tudo isso através de debates, palestras, panfletagem etc.

A origem do nome do Coletivo faz referência ao nome da cidade: Belo Jardim. Esperamos, como mulheres nascidas em Belo Jardim, desabrochemos para questões sociais que envolvem à mulher. Pois só através do conhecimento vamos conseguir lutar contra o machismo e as suas consequências.

3.4 Fontes de Informação

Foram participantes dessa pesquisa a comissão organizadora do Coletivo Desabrochar. Porém foram utilizadas como fonte de informação direta a parte dessa comissão, como a fundadora do Coletivo, e mais três ativistas do Coletivo. A fundadora é formada em Jornalismo e profissional da área, a ativista II é formada e atua como farmacêutica, a número III está se formando em administração, ativista IV é formada em administração.

3.5 Técnicas de Coleta

Para coletar os dados da pesquisa, utilizamos das técnicas de: entrevista, observações das reuniões e atividades do Coletivo Desabrochar. De acordo com Minayo (1992, p. 57) “a entrevista é um procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais” desta forma a utilizamos com o propósito de elucidar as ações observadas não compreendidas e analisar as expressões das entrevistadas mediante nossos questionamentos.

Também usamos outra técnica para coleta de dados, a observação participante, com o objetivo de, descrevermos os sujeitos, locais, eventos especiais, atividades, assim como reconstruir diálogos e interagir com o objeto de estudo afim de que sejam registradas todas as observações no diário de campo, o qual é nosso instrumento de registro. Como afirma Minayo (1992, p. 59) “a técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos.” A autora Minayo (1992) também evidencia que o diário de campo é

[...] um instrumento ao qual recorreremos em qualquer momento da rotina do trabalho que estamos realizando (...) é pessoal e intransferível. Sobre ele o pesquisador se debruça no intuito de construir detalhes que no seu somatório vai congregar os diferentes momentos da pesquisa” (p. 63-64)

Enfim, utilizamos conversa informal, a qual buscamos obter informações sobre o funcionamento da Coletivo, suas atividades, etc. diante das observações nos eventos e reuniões propostas pelo Desabrochar identificamos alguns pontos para serem registrados e elucidados em entrevistas semi-estruturadas.

3.6 Registro de Campo

Durante as fases da pesquisa utilizamos a técnica de diário de campo, cujo instrumento nos permite registrar ações, atos, diálogos que ao longo da jornada foram se articulando com nosso objeto de pesquisa. Assim como foi sendo mais uma fonte para o aporte na análise, pois através dos registros podemos evidenciar o que não esteve explícito durante as entrevistas, conversas informais, etc.

3.7 Análise

Para fins desta investigação utilizamos a análise de conteúdo como primeiro exercício de aproximação com essa técnica, afim de construir uma compreensão dos dados coletados, durante as conversas informais, o registro no diário de campo, entrevista semi-estruturadas, tendo em vista de compor o conhecimento sobre nosso estudo, que segundo Minayo (1992) é onde “podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses)”. De acordo com a autora Laurence Bardin (1997, p. 38) “A análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”, a qual tendo “[...] indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/reprodução (variáveis inferidas) destas mensagens.” (ibidem, 1997, p. 42)

3.8 Autorreflexividade

Durante a pesquisa comprovamos a atenção e disponibilidade do Coletivo Desabrochar, para nos ajudar na pesquisa, sororidade é o termo correto diante disto. Mesmo com todas atividades propostas pelo Coletivo, as ativistas foram solícitas as nossas dúvidas e mantiveram contato para que participássemos de reuniões, atividades, etc.

Uma das dificuldades encontradas foi não ter comparecido a uma reunião do Desabrochar por ter sido à noite, durante a semana, não tive como ir pois estava em aula na universidade, porém as Ativistas do Coletivo, passaram tudo que foi discutido na reunião, assim como as informações necessárias para entender o evento que o Desabrochar estava organizando em mês de alusão a Consciência Negra. Diante dessa falta na reunião, acompanhei uma oficina

para mulheres organizada pelo Coletivo, pude estar em uma reunião do Desabrochar e também assistir ao vivo por transmissão em rede social, e pela rádio da cidade – Belo Jardim/PE, uma roda de conversa a qual Ativista participavam dialogando sobre a violência contra mulher.

Com a pesquisa pude compreender que a luta pela igualdade, a sororidade, não são algo simbólicos, mas algo prático, que precisamos vivenciar e praticar, a ida a campo me fez enxergar o quanto às mulheres são diversas e o quão forte se tornam suas vozes querendo “lutar” juntas.

4 O CASO DO COLETIVO FEMINISTA DESABROCHAR

O Coletivo Feminista Desabrochar possui integrantes em que todas são mulheres, as quais se reconhecem como militantes ativistas, que lutam e defendem as pautas feministas. O Coletivo se propõe a atuar em escolas públicas mais amplamente no nível médio de ensino e reduzidas vezes com o ensino fundamental, com estes abordam temas como empoderamento. Em seus encontros/reuniões que podem acontecer uma vez por mês, porém quando há uma maior demanda de atividades pode haver mais de uma reunião. Em suas reuniões são discutidas as atividades propostas para intervenções nas escolas e também é proposto que seja realizado um estudo sobre um tema para debate entre as componentes do Coletivo. Esse estudo é sobre os conteúdos que serão abordados nas escolas e em oficinas para as mulheres, assim como discutem o tempo que irão utilizar para as intervenções e o tipo de linguagem. Entre os temas de estudos as ativistas destacam o Feminismo Negro, a mulher na história e seu impacto.

Inicialmente as reuniões do Coletivo eram realizadas em praças públicas aberta ao público, a partir dessas conversas em praças, as integrantes do Desabrochar perceberam que as conversas acabavam sendo entre elas, amigas e familiares, mas elas queriam chegar as outras pessoas, de outras vivências, que tivessem outro acesso à informação, pois para elas com os eventos no centro da cidade divulgados pelas redes sociais, isso atingiria um público específico que seriam as pessoas que já acompanham o Coletivo pelas redes sociais. E dessa forma as Ativistas viram que não eram assim que queriam que o Desabrochar funcionasse, com objetivo de conversar com outras mulheres e que atingisse as mulheres que não tinha informação acerca do feminismo.

Então as Ativistas do Coletivo Desabrochar começaram com a ideia de ir em escolas públicas, pois já encontrariam pessoas de outra classe social, outro nível de instrução e vivências, diferente de pessoas que estudam em escolas privadas, apesar do Coletivo já ter realizado atividades nessas escolas. Mas, o foco sempre foram escolas públicas, em seu relato o Coletivo conta que chegaram a “bater nas portas” das escolas com a proposta de atuação, e atualmente elas são convidadas para irem às escolas. Esta ideia de irem às escolas possui a finalidade de conversar com outras mulheres, de outras realidades e de ir até elas. Desde então o Desabrochar atua em escolas estaduais e municipais. Tendo uma visão de carência de informação nas escolas sobre violência contra mulher, relações abusivas, entre outros temas.

Diante das palestras oferecidas para as escolas, as Ativistas relatam o contato de outras mulheres, ao escutarem o Coletivo, contam sobre suas vivências e experiências como mulheres ser esse ponto de apoio. O Desabrochar acredita e confia que a escola após os

momentos com o Coletivo possa desenvolver projetos e/ou discutir as temáticas de gênero na escola para que seja debatida em salas de aulas.

Em uma roda de conversa transmitida pela rádio da cidade (Belo Jardim/PE), as Ativistas do Desabrochar frisaram sua atuação nas escolas, acreditando na educação das mulheres e homens afim de haver mudanças em questões sociais como, a violência doméstica. Inicialmente as conversas nas escolas eram só com as meninas, discutindo empoderamento feminino, posteriormente o Coletivo sentiu a necessidade de conversar com meninos também, pois acreditam que “se os homens pararem de nos matar, as mulheres param de morrer”, e diante disto acreditam na importância da educação, pois através dela, elas conseguem educar os meninos a não serem machistas, que realmente saibam e cresçam com a consciência de gênero, que não tenham a mente de uma masculinidade tóxica. Logo, nas palestras e conversas nas escolas os temas também são para os meninos a fim de que possam ouvir relatos, verem os dados e se reconhecerem nas situações.

4.1 Feminismo e relações de gênero

Buscando atender ao nosso objetivo específico que propõe identificar que conteúdos o Coletivo utiliza sobre feminismo e relações de gênero podemos identificar que o Coletivo Feminista Desabrochar aborda nas escolas temas como o que é feminismo, machismo, cultura patriarcal, sororidade, igualdade de gênero, violência contra mulher e feminicídio - com base nos dados da própria cidade Belo Jardim/PE, a história da mulher no Brasil, feminismo negro, racismo e os efeitos da branquitude, que também são temas abordados e necessário para se educar constantemente. E é por esta razão que as escolas são parceiras na construção do movimento na cidade (Belo Jardim/PE).

As ativistas do Coletivo, entendem que depois da casa, a escola é o lugar onde as crianças e jovens aprendem a viver em sociedade, lidando com pessoas diferentes delas/es e com realidades bastante divergentes. Nesse sentido, as atuações do Desabrochar nas escolas visam “levar o conhecimento acerca da luta das mulheres para esses espaços, explicar o que pode ser caracterizado como violência contra a mulher e mostrar a importância dessa bandeira para uma sociedade mais justa e igualitária”. (ATIVISTA IV. Diário de Campo, 21/10/2019)

Abordando tema como feminismo, o Desabrochar destaca que em seus encontros (palestras, etc.) as meninas que não sabem o que é, ou tem uma visão errônea sobre o feminismo, conseguem entender que é pela vida delas que o feminismo existe, entendem que uma mulher tem os mesmos direitos que um homem, ou “que nenhum homem pode, por

exemplo, dizer como ela deve agir, que nenhum homem pode assediar e achar que está certo”. (ATIVISTA IV. Diário de Campo, 21/10/2019).

Nessa perspectiva, a Ativista IV aponta que a discussão feminista é necessária para meninas e meninos e o fazem nos âmbitos escolares, apontando que

É necessário educar essas meninas a respeito do feminismo, porque foi através dele que se conseguiu alcançar os direitos que se tem hoje. E também, o feminismo nas escolas alertam os meninos sobre o comportamento machista deles, que muitas vezes reproduzem ações de homens adultos. ATIVISTA IV. Diário de Campo, 21/10/2019)

Ver-se deste modo que o Coletivo se propõe a dialogar com meninas e meninos, visando uma educação para todos os gêneros.

Ademais em relação as discussões de gênero, a Ativista I, aponta que

As relações de gênero são debatidas pelo feminismo ao questionar a desigualdade entre mulheres e homens, baseada em critérios religiosos, científicos, políticos e até biológicos. Como também as ideias de que a mulher é o sexo frágil, passivo e emocional, enquanto que o homem é ativo, racional e forte. (ATIVISTA I. Diário de Campo, 24/10/2019)

As Ativistas entendem que na perspectiva de gênero, essas características são na verdade uma imposição histórica, cultural e política. E para mudá-las é necessária uma desconstrução social em larga escala. Tendo em vista que essa desconstrução parte das problematizações, discussões e reflexões acerca dos temas.

Para a Ativista II a mesma entende que as “[...] relações de gêneros é a porta para que as feministas possam denunciar essas desigualdades de gênero tão latentes na sociedade.” Dessa forma “[...] o feminismo em suas diversas correntes, luta por igualdade de gêneros (que variam na compreensão dessas desigualdades) e aqui não nos referimos a sexo e sim de uma construção social a respeito de comportamentos que caracterizam pessoas.” (ATIVISTA II. Diário de Campo 22/10/2019).

Logo, estar nas escolas e refletir sobre os papéis dos gêneros, como construção histórico-cultural, nos aponta caminhos para seguir com respeito, ética e igualdade entre os gêneros. Entendendo que a sala de aula, assim como o ambiente não escolar, podem ser um local para empoderamento e emancipação da pessoa humana. É válido destacar que para esta Ativista II sua crença está “[...] na educação inclusiva, não-sexista e não-racista” (Diário de Campo, 22/10/2019).

4.2 Feminismo e Pedagogia Feminista

Buscando atender ao nosso objetivo que é caracterizar as principais práticas e pedagogias feministas utilizadas pelo coletivo em suas ações; podemos elencar que as

ativistas nas escolas trabalham com o diálogo através de mesas redondas e palestras, além de eventualmente levarem música e poesia, buscando atingir o maior número de estudantes possíveis. Entendendo que essas são formas mais fáceis de chegar aos alunos com as temáticas propostas, que se incluem na Pedagogia Feminista, discussões de relação de gênero, feminismo, machismo, cultura patriarcal, sororidade, violência contra mulher e feminicídio, entre outras. Além disto, a Ativista III, contou que também surgem temas de acordo com a demanda,

Os temas que trabalhamos nas escolas estão voltados à igualdade de gênero, sendo abordando para isso assuntos como o machismo estrutural, a história das mulheres que não são contadas em livros de história, feminismo, sororidade, empatia, violência contra a mulher, especialmente a doméstica, como o machismo afeta a vida de meninas e meninos, entre outros que vão surgindo de acordo com a demanda dos alunos. (ATIVISTA III, Diário de Campo, 08/11/2019)

Em uma de nossa conversas, uma das representantes, Ativista IV, do Desabrochar contou-nos que inicialmente nessas atividades citadas anteriormente, os meninos ficavam incomodados, dispersos, como se aquilo que estava sendo posto não os dissesse respeito, então o coletivo buscou uma forma de atingir aqueles meninos para que pudessem entender o porquê de estarem ali; diante disto, foi nos dito que, nas rodas de diálogo nas escolas, com a presença de meninas e meninos, o Coletivo inicia sua fala com questionamentos, por exemplo “Quantos meninos aqui presentes falou mal de uma garota só porque ela não quis ficar com você?” (ATIVISTA IV, Diário de Campo, 21/10/2019). Dessa forma já trazendo a reflexão para os meninos, buscando que os mesmos possam examinar suas condutas e reconhecerem a importância do diálogo, pensar em suas atitudes, o quanto o que já foi dito pode ter machucado outra pessoa.

O Desabrochar acredita e confia que a escola após os momentos com o Coletivo possa desenvolver projetos e/ou discutir as temáticas de gênero na escola para que seja debatida em salas de aulas. Conta-nos ainda que já puderam vivenciar algumas escolas desenvolvendo projetos para todo âmbito escolar, após os momentos de debate do Coletivo nas instituições.

Como também, foi evidenciado pela Ativista III, seus primeiros contatos com a escola, e o quanto isso pode direcionar as demais ações do Desabrochar.

Inicialmente nós procuramos os dirigentes escolares para apresentar nossa proposta sobre a semana do 8 de Março e esses laços foram se estreitando, de forma que, muitas vezes surgem demandas como denuncia de alunas que envolvem as questões que o coletivo trabalha e então os próprios dirigentes já nos procuram para intervir com ações educativas. (ATIVISTA III. Diário de Campo, 08/11/2019)

Logo, seja na sala de aula ou fora do âmbito escolar, a Pedagogia Feminista nos propõe um olhar atentos para as formas de repressão, opressão e violências vivenciadas

pelas(os) estudantes. Dessa forma atuando com problematizações e debates que possam fortalecer nossas vozes para o combate de qualquer forma de discriminação, seja ela, de raça, religião, etnia, gênero e sexualidade.

4.3 Educação não sexista

Atendendo ao nosso último objetivo, o qual buscou descrever os princípios da educação não sexista presente na prática e pedagogia pelo Coletivo em suas ações, podemos verificar na fala de uma das representantes do coletivo, a qual em uma roda de conversa, sobre violência contra mulher, aponta que o Desabrochar acredita em uma educação não-sexista, logo como aponta outra Ativista II, que almeja “[...] educação inclusiva, não-sexista e não-racista...seria um sonho.” (ATIVISTA II. Diário de Campo, 22/10/2019) e por isso que em seus encontros e ações nas escolas, as ativistas também propõe a dialogar com os meninos, confiantes que a educação pode gerar mudanças sociais.

[...] pois através dela, elas conseguem educar os meninos a não serem machistas, que realmente saibam e crescer com a consciência de gênero, que não tenham a mente de uma masculinidade tóxica que podem os afetar. Logo, nas palestras e conversas nas escolas os temas também são para os meninos a fim de que possam ouvir relatos, verem os dados e se reconhecerem nas situações. (ATIVISTA II. Diário de Campo, 22/10/2019)

Também evidenciamos em nossas entrevistas que para o Desabrochar a educação não sexista deve ser o primeiro passo para a construção de uma sociedade mais igualitária entre mulheres e homens. De acordo com a Ativista I, a qual aponta que essa construção deve ser “[...] Dentro e fora das escolas, pais e professores devem criar um nicho de solidariedade entre meninas e meninos, e incentivá-los da mesma maneira. Assim, ambos podem crescer sabendo que podem fazer tudo aquilo que almejam.” (ATIVISTA I. Diário de Campo, 24/10/2019). A Ativista II, chama atenção para o sexismo nas datas comemorativas, por exemplo, “no dia das crianças...meninas se maqueiam e meninos cortam cabelo”, no dia a dia “meninas usam rosa e meninos usam azul, meninas brincam de bonecas e meninos de carrinhos” (ATIVISTA II, Diário de Campo, 22/10/2019) para a Ativista II “[...] crianças educadas sem esse sexismo, crescem livres para serem o que bem entenderem. Primar pela igualdade, ninguém tem nenhum direito a menos e por vias deve ser assegurado, inclusive nas escolas(educação).” (ATIVISTA II. Diário de Campo, 22/10/2019).

Desse modo, como destaca uma das Ativistas acerca da educação não sexista,

Pensamos que esse é um importante passo para que a desigualdade de gênero seja combatida e também para o não adoecimento das crianças e adolescentes que muitas vezes sofrem uma pressão psicológica que gera danos a fim de se enquadrarem em um padrão sexista promovido pelo patriarcado e machismo estrutural. (ATIVISTA III. Diário de Campo, 08/11/2019)

Logo, o Coletivo Desabrochar enfatiza durante sua atuação nos âmbitos escolares ou não o quanto acreditam na educação, em uma formação igualitária por meio do diálogo e reflexões acerca das informações e ações.

5 ANÁLISE

Conforme Bardin (1977), a análise seguiu as seguintes etapas "O inventário: isolar os elementos. A classificação: repartir os elementos, e portanto, procurar ou impor uma certa organização às mensagens". (p. 118). Dessa forma através do quadro a seguir, organizamos nossas categorias e dados da pesquisa.

Quadro 1: Síntese das análises das categorias: Feminismo e relações de gênero; Feminismo e pedagogia feminista; Educação não sexista.

Categoria	Teóricas	Ativistas	Compreensão
<p>Feminismo e relações de gênero</p>	<p>O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem. (LOURO, 1997, p. 23).</p> <p>Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a idéia é perceber o gênero <i>fazendo parte</i> do sujeito, constituindo-o. (LOURO, 1997, p. 25).</p> <p><i>La igualdad de género impacta y corrige otras desigualdades sociales. Avanzar en la erradicación de todas las formas de discriminación contra las mujeres, así como en la eliminación de todas los tipos y modalidades de violencia contra las mujeres sólo es posible si se desmontan las estructuras y los mecanismos patriarcales que las causan.</i> (LAGARDE, 2012, p. 373)</p>	<p>Os temas são sobre Feminismo, violência contra mulher (de todas as formas). ATIVISTA II</p> <p>Os temas que trabalhamos nas escolas estão voltados à igualdade de gênero, sendo abordando para isso assuntos como o machismo estrutural, a história das mulheres que não são contadas em livros de história, feminismo, sororidade, empatia, violência contra a mulher, especialmente a doméstica, como o machismo afeta a vida de meninas e meninos, entre outros que vão surgindo de acordo com a demanda dos alunos. ATIVISTA III</p> <p>[...] levar o conhecimento acerca da luta das mulheres para esses espaços, explicar o que pode ser caracterizado como violência contra mulher e mostrar a importância dessa bandeira para uma sociedade mais justa e igualitária. ATIVISTA IV</p>	<p>Feminismo é uma concepção política que se expressa tanto em movimentos sociais, como coletivos diversos, com a ação política, que luta pela igualdade entre homens e mulheres, tanto na perspectiva social, política e econômica de mulheres, buscando atender a todas as mulheres, com as demais vertentes do feminismo, visando também o combate ao feminicídio, qualquer tipo de violência, discriminação e violência de gênero, por entender que a identidade do ser social deve ser respeitada, de modo que somos seres plurais e históricos. No campo teórico podemos perceber o gênero de modo plural como constituinte da identidade do sujeito. Nesse sentido o Coletivo Desabrochar desfruta dos temas feministas a fim de combater as desigualdades enfrentadas pelas mulheres e demais gêneros. Diante do nosso cenário político atual, debates e reflexões que nos possibilitem a resistência e luta pelos direitos são de importância pessoal, profissional e humana.</p>

<p style="text-align: center;">Feminismo e Pedagogia Feminista</p>	<p>Pensada como um novo modelo pedagógico construído para subverter a posição desigual e subordinada das mulheres no espaço escolar, a pedagogia feminista vai propor um conjunto de estratégias, procedimentos e disposições que devem romper com as relações hierárquicas presentes nas salas de aula tradicionais. A voz do/a professor/a, fonte da autoridade e transmissora única do conhecimento legítimo, é substituída por múltiplas vozes, ou melhor, é substituída pelo diálogo, no qual todos/as são igualmente falantes e ouvintes, todos/as são capazes de expressar (distintos) saberes. (LOURO, 1997, p. 113)</p> <p>[...] pretendem estimular a fala daquelas que tradicionalmente se veem condenadas ao silêncio, por não acreditarem que seus saberes possam ter alguma importância ou sentido. (LOURO, 1997, p. 114)</p> <p>[...] é construída para subverter a posição desigual e subordinada das mulheres no espaço escolar, ela vai propor um conjunto de estratégias procedimentos e disposições que deve romper as relações hierárquicas presentes nas salas de aulas tradicionais. (LOURO, 1997, p. 115)</p>	<p>[...] Depois da casa, a escola é o lugar onde as crianças e jovens aprendem a viver em sociedade, lidando com pessoas muito diferentes deles e com realidades bastantes divergentes. Sendo assim, é necessário levar o conhecimento acerca da luta das mulheres para esses espaços, explicar o que pode ser caracterizado como violência contra a mulher e mostrar a importância dessa bandeira para uma sociedade mais justa e igualitária.</p> <p>[...] É importante, primeiramente, porque meninas que não sabem o que é ou tem uma visão errônea sobre o feminismo, conseguem entender que é pela vida delas que o feminismo existe, entendem que uma mulher tem os mesmos direitos que um homem, [...] É necessário educar essas meninas a respeito do feminismo, porque foi através dele que conseguimos os direitos que temos hoje. [...] Inclusive, o feminismo nas escolas alertam os meninos sobre o comportamento machista deles ,muitas vezes reproduzindo ações de homens adultos.</p> <p>ATIVISTA II</p> <p>Nós cremos que é pela educação que conseguiremos trabalhar efetivamente o feminismo, levando para o ambiente escolar esse tema que envolve socialmente a vida dos alunos, que são terreno fértil para desenvolver o ideal do feminismo.</p> <p>ATIVISTA III</p>	<p>As discussões feministas nos apontam reflexões acerca da educação, emergindo a pedagogia feminista a qual entende-se que pode ser praticada por todas as educadoras e educadores que almejam uma sociedade igualitária em direitos e poderes. A pedagogia feminista pode ser compreendida como uma prática educativa que visa valorar seja no âmbito escolar ou não, empoderar a pessoa humana, dando-lhe voz e reconhecimento. Por meio dessa pedagogia durante a formação acadêmica e humana, mulheres e homens e as diversas identidades podem subverter os arranjos estereotipados que são postos em nossa sociedade. Logo a pedagogia feminista busca refletir sobre nossas condutas primando a igualdade de gênero. Nosso aporte teórico enfatiza a Pedagogia Feminista como modelo pedagógico para estimular as vozes daqueles que de alguma forma foram/são oprimidos, silenciados. Com isto o Coletivo Desabrochar atua em prol de acessar espaços escolares para ouvir e dar vozes as meninas e meninos, a fim de despertar suas vivências, educar acerca do feminismo e demais vertentes. Quanto educadoras e educadores nosso olhar crítico pode nos ajudar a reconhecer e atuar em situações de opressão e desigualdade de gênero.</p>
---	---	--	--

<p>Educação não sexista</p>	<p><i>Casi todas las personas en el mundo hemos sido educadas de manera sexista y además pensamos, sentimos y nos comportamos sexistamente sin incomodarnos o sintiendo que es preciso hacerlo, que es un deber o que así ha sido siempre. Como si el sexismo fuese ineludible. (LAGARDE, 2012. p. 23)</i></p> <p>[...] a educação não sexista vem sendo desenvolvida por mulheres e homens que analisam as relações sociais a partir da perspectiva de gênero, lançando o olhar crítico feminista. (ALMEIDA, 2018, p. 20)</p> <p>A educação não sexista dialoga com a perspectiva de mundo na qual a luta pela previsão e respectiva efetivação de direitos é eminentemente protagonizada pelas/os sujeitas/os oprimidas/os e invisibilizadas/os. (ALMEIDA, 2018, p. 21).</p>	<p>Esse deve ser o primeiro passo para a construção de uma sociedade mais igualitária entre mulheres e homens. Dentro e fora das escolas, pais e professores devem criar um nicho de solidariedade entre meninas e meninos, e incentivá-los da mesma maneira. Assim, ambos podem crescer sabendo que podem fazer tudo aquilo que almejam.</p> <p>ATIVISTA I</p> <p>A desigualdade é muito forte na escola, no dia das crianças...meninas se maqueiam e meninos cortam cabelo, meninas usam rosa e meninos usam azul, [...] crianças educadas sem esse sexismo, crescem livres para serem o que bem entenderem. Primar pela igualdade, ninguém tem nenhum direito a menos e por vias deve ser assegurado, inclusive nas escolas(educação).</p> <p>ATIVISTA II</p> <p>Pensamos que esse é um importante passo para a desigualdade de gênero seja combatida e também para o não adoecimento das crianças e adolescentes que muitas vezes sofrem uma pressão psicológica que gera danos a fim de se enquadrarem em um padrão sexista promovido pelo patriarcado e machismo estrutural.</p> <p>ATIVISTA III</p>	<p>A educação não sexista tem se constituído para uma formação humana e igualitária a qual busca romper com os estereótipos sexista presentes na sala de aula. De forma que, seja por meio de ações ou na linguagem a educadora e educador possa educar sem distinção sexista. Através das contribuições das autoras percebemos que as relações sociais se baseiam de maneira sexista. Dessa forma lançar um olhar crítico sobre as essas relações em busca de subverter as desigualdades já é um marco inicial em nossa atuação como docente. Assim como o Desabrochar aponta para uma educação não sexista, onde as crianças possam se sentir livres e conhecedoras de seus direitos; visto que há uma repressão aos estudos de gênero por parte do governo, que possamos lutar por uma educação igualitária, não sexista que possa empoderar e libertar de toda opressão e desigualdade as crianças, adolescentes, jovens.</p>
------------------------------------	--	--	---

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a pergunta inicial que deu origem a nossa pesquisa: De que maneira os coletivos feministas desenvolvem suas práticas pedagógicas visando contribuir com a educação não sexista de jovens de escolas públicas de ensino médio? Temos a dizer que através do Coletivo Desabrochar na cidade de Belo Jardim/PE onde acompanhamos atividades podemos perceber que através do feminismo e relações de gênero baseadas no respeito na igualdade, o Desabrochar trabalha com os temas feministas a fim de combater as desigualdades enfrentadas pelas mulheres e diversas relações gêneros. E para isto em suas práticas entendida como pedagogia feminista o Coletivo atua em prol de acessar espaços escolares para ouvir e dar vozes a meninas e meninos, a fim de despertar vivências, educar acerca do feminismo e igualdade de gênero. Logo acreditam na formação em uma educação não sexista, onde as crianças possam se sentir livres e conhecedoras de seus direitos sem sexismos e estereótipos.

Sendo assim a resposta a pergunta é que através do Coletivo Desabrochar compreendemos como sua prática pedagógica voltada para as escolas públicas e com jovens de ensino médio, podem favorecer uma formação com base na escuta, diálogo, sororidade, debates com temas que promovem reflexão e buscam combater as diversas violências contra a mulher e de gênero, assim como o Coletivo entende e busca caminhar com as escolas tendo em vista que a educação promove a formação humana.

Diante do nosso cenário político atual, que possamos resistir e buscar por debates e reflexões que nos possibilitem a resistência e luta pelos direitos que são de importância pessoal, profissional e humana. Que em nossa formação, possamos ter aporte para o debate, enquanto educadoras e educadores através de nossas atividades, com nosso olhar crítico, ajudar, reconhecer e atuar em situações de opressão e desigualdade de gênero. Que mesmo diante da opressão, que possamos lutar por uma educação igualitária, não sexista que possa empoderar e libertar dos arranjos estereotipados e desigualdade, todas as crianças, adolescentes, jovens.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paloma Raquel de. **Contribuições do pensamento feminista latino-americano de Marcela Lagarde para a educação não sexista**. 2018. 256f. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: < <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32568>. Acesso em: 12 de out. 2019.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Persona Edições, 1977. 229p.
- BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. **Igualdade ou Heteronormatividade?** Jovens mulheres comunicando sentidos, formando significados. Trabalho apresentado no GT 23 Gênero, Sexualidade e Educação. Anais da 37ª Reunião Nacional da ANPED. Florianópolis, Outubro de 2015. ISSN: 2447-2808 Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT23-4575.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2019.
- BRASIL. **Convenção sobre Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres (1979)**. Disponível em: <https://bit.ly/2NAYCUJ>. Acesso em: 09 nov. 2019
- BRASIL. **Decreto de lei nº 13.827, de 13 de maio de 2019**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13827.htm. Acesso em: 13 out. 2019.
- BRASIL. **Decreto de lei nº 13.104, de 9 de março de 2015**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm. Acesso em: 30 mar. 2019.
- CIDH **expressa sua profunda preocupação frente à alarmante prevalência de assassinatos de mulheres em razão de estereótipo de gênero no Brasil**. 04 de fevereiro de 2019. OEA – Organização dos Estados Americanos. Disponível em: <http://www.oas.org/pt/cidh/prensa/notas/2019/024.asp>. Acesso em: 30 mar. 2019.
- CURIEL, OCHY *Descolonizando el Feminismo: Una perspectiva desde América Latina y el Caribe*. In: Primer Colóquio Latinoamericano sobre Praxis y Pensamiento Feminista, Junio 2009, Buenos Aires. Disponível em: <http://bdigital.unal.edu.co/39749/>. Acesso em: 29 set. 2019.
- DESLANDES, Suely Ferreira. NETO, Otavio Cruz, GOMES, Romeu. MINAYO, Maria Cecília Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis –RJ: Vozes, 1994.
- GARGALLO, Francesca. *El feminismo y la educación en y para nuestra América*. Revista Venezolana de Estudios de la Mujer, Caracas, v. 13, n. 31, p. 17 26, dic. 2008. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S131637012008000200003&ng=es&nrm=iso. Acesso em: 11 de set. 2019.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- KOROL, Claudia. *Hacia una pedagogía feminista* - 1º 1a ed. - : El Colectivo, América Libre, 2007. Korol, Claudia (comp.) 256 p., 22 x 15 cm ISBN: 978-987-23514-5-8 1. Educación. 2. Feminismo. I. Título.

LAGARDE, Marcela. *De la igualdad formal a la diversidad. Una perspectiva étnica latinoamericana. Anales de la Cátedra Francisco Suárez*, Norteamérica, 37, dic. 2003. Disponível em: <http://revistaseug.ugr.es/index.php/acfs/article/view/1086>. Acesso em: 20 set. 2019.

LAGARDE, Marcela. *El feminismo en mi vida. Hitos, claves y topías. Gobierno del Distrito Federal. Instituto de las Mujeres del Distrito Federal: México, D.F., 2012.*

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** - Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista /: Vozes, 1997.

MELO, Hildete Pereira de. PISCITELLI, Adriana. MALUF, Sônia Weidner. PUGA, Vera Lucia. (organizadoras). **Olhares Feministas.** Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2006. 510 p. – (Coleção Educação para Todos; v. 10).

MENUCCI, Júlia Morfandini. **Uma história do Feminismo no Brasil.** Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 30, n. 2 – Jul./Dez. 2017 – ISSN online 1981-3082. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/37855>. Acesso em: 08 de out. 2019

MINAYO, M.C de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO 1992.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo. 2003.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, 151p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Revista crítica de ciências sociais, nº 11 Maio de 1983.

SOUZA, Washington Luis. **Ensaio sobre a noção de poder em Michel Foucault.** Revista Múltiplas Leituras, v. 4, 2, 2011, p. 1-2 ISSN 1982-8993. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15603/1982-8993/ml.v4n2p103-124>. Acesso em: 26 nov. 2018.

TEIXEIRA, Elisabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa.** 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 203 p.